

A RESSURREIÇÃO DO AUTOR

Rodrigo Bueno Ferreira (UFPR)

ruod_rik@hotmail.com

Eva Beatriz Holland (UFPR)

Em seu texto clássico intitulado *A Morte do Autor* (1968), Roland Barthes apresentou a controversa ideia de que durante a fruição literária o nascimento do leitor deve ser pago com a morte do autor (BARTHES, 2004, p. 6). Embora sua reflexão crítica seja pertinente, a concepção de linguagem assumida por Barthes parece suprimir um conceito elementar advindo da moderna pragmática, a noção de ‘intencionalidade’. Na linha dos trabalhos de Grice (1975), Sperber e Wilson (1995/2001), Tomasello (1999/2008) e Dascal (2006), a pragmática supõe que uma característica central nos processos comunicativos humanos é o reconhecimento da intenção comunicativa. Por essa via, o autor não deve ser sacrificado, visto que ele mesmo pode ser um dado para a interpretação da obra - uma fonte de conhecimentos já armazenados na memória enciclopédica, como prevê o modelo da teoria da relevância (SPERBER & WILSON, 1995), ou uma pista pragmática, como sugere Dascal (2006). Portanto, após sua morte, este trabalho sugere a “ressurreição do autor”, pressupondo que o processo comunicativo humano não é meramente hermenêutico, como teorizado por Barthes, mas um procedimento de reconhecimento intencional por vias inferenciais, sendo tais inferências engatilhadas por ostentações de um agente comunicativo.